

## **O SUJEITO LATINO-AMERICANO EM *EL AMOR EN LOS TIEMPOS DEL CÓLERA*, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

Claudiane Gurgel Bickel  
UFMG

A discussão acerca da questão da identidade e da constituição do sujeito na modernidade é amplamente realizada dentro do mundo acadêmico das ciências humanas. No mundo moderno tardio, torna-se problemática a existência de uma identidade unificada e referencial, já que a própria vida e dinâmica modernas não permitem tal unidade. As sociedades contemporâneas foram elaboradas e concebidas de forma que a constituição de um sujeito soberano é inimaginável, uma vez que houve um deslocamento das estruturas e processos dessas sociedades, levando a uma ausência de referência e uma “crise de identidade.” De acordo com Stuart Hall<sup>1</sup>, teríamos, na modernidade, três concepções de identidade. A primeira seria a do sujeito do Iluminismo, que estava baseada na idéia de um sujeito individual e indivisível. Esse sujeito estava centrado na concepção do homem racional, científico, do conhecimento e da prática. A segunda seria a do sujeito sociológico, que estava mais baseada numa concepção social, e não individualista, do indivíduo. Esse sujeito estava colocado e definido no interior das grandes estruturas e formações sociais; é um sujeito interativo, localizado nos processos coletivos que subjaziam os contratos entre os sujeitos individuais. Já a terceira concepção seria a do sujeito pós-moderno. Na modernidade tardia, o sujeito foi desagregado e deslocado devido às rupturas que ocorreram nos discursos modernos, como os cinco grandes avanços ocorridos na teoria social e nas ciências humanas, que são: a descentração às tradições do pensamento marxista; a descoberta do inconsciente por Freud; o trabalho do lingüista estrutural Ferdinand de Saussure; o trabalho do filósofo e historiador francês Michel Foucault; e, finalmente, o impacto do feminismo

---

<sup>1</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. pp.10-46.

como uma crítica teórica e como um movimento social. Assim, com tais mudanças de pensamento, o sujeito da pós-modernidade ficaria descentrado, deslocado e ausente de uma identidade fixa.

Além dessa questão do descentramento do sujeito, o mundo contemporâneo, com o advento dos Estudos Culturais, abriu o discurso para as minorias e para a periferia, e, conseqüentemente, para a América Latina. Entretanto, em um mundo globalizado, a idéia de uma “nuestra América”<sup>2</sup> seria incabível, assim como a idéia de um Estado totalitário e de uma concepção homogênea de nação. O valor social foi desconstruído, uma vez que, de acordo com Moreiras<sup>3</sup>, o Estado-nação deixa de ser o referente primário. O Estado-nação fragmentou-se em minorias étnicas, sexuais, raciais e religiosas, o que é um movimento paradoxal à globalização e expresso pelos Estudos Culturais. Assim, a idéia de uma América Latina única adquiriu um caráter totalitário e, por isso, contraditório em relação à crise contemporânea do Estado-nação. Não podemos entender a América Latina simplesmente como uma junção da América Hispânica e da Portuguesa, mas sim como um local teórico de múltiplas expressões, em que, e de acordo com Laclau<sup>4</sup>, não é mais possível a existência de uma subjetividade absoluta. No mundo contemporâneo, há uma multiplicidade de sujeitos, uma multiplicação de novas identidades como resultados da dissolução dos lugares em que os sujeitos universais se expressavam.

Os Estudos Culturais questionam o valor do valor social, que é descentrado e entra em crise ao se questionar o velho valor hegemônico da razão eurocêntrica, possibilitando, então, a sua fragmentação. Dessa forma, com a recusa de um único valor como padrão para o pensamento, ou seja, com a “desvalorização do valor”, é possível ter-se uma razão feminina, gay

---

<sup>2</sup> FERNANDES RETAMAR, Roberto. *Para una teoría de la literatura hispanoamericana*. Santafé de Bogotá: publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, 1995. p.74.

<sup>3</sup> MOREIRAS, Alberto. Ficções teóricas e conceitos fatais: o neolibidinal na cultura e no Estado. In: MIRANDA, Wander M. (Org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 285.

<sup>4</sup> LACLAU, Ernesto. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires: Ariel, 1996. p.45.

ou negra, por exemplo; e, portanto, mostra-se inviável uma concepção única e referencial do sujeito. Dentro ainda do âmbito dos Estudos Culturais, poderia-se dizer que a América Latina estaria, então, colocada em um lugar teórico de subalternidade, de onde emerge um processo de construção a partir de outras lógicas culturais, reveladoras de uma heterogeneidade radical e, por conseguinte, de novos agenciamentos de produção do sujeito.

Baseando-se no descentramento do sujeito da modernidade tardia e na abertura para os discursos das minorias econômicas, sociais, étnicas, raciais e sexuais que os Estudos Culturais proporcionaram, bem como colocando a América Latina dentro dessa noção de subalternidade, é que gostaria de tentar pensar a elaboração do sujeito na literatura latino-americana a partir da obra *El amor en los tiempos del cólera*, de Gabriel García Márquez.

A história de *El amor en los tiempos del cólera* passa no fim do século XIX para o início do XX, em Catargena de las Indias, Colômbia, e conta, principalmente, o amor e os amores de Florentino Ariza e a vida de Fermina Daza, seu grande amor. Florentino e Fermina encaixam-se, primeiramente, no modelo lacaniano de sujeito. Segundo Silverman<sup>5</sup>, Lacan diz que a única maneira do sujeito compensar sua condição fragmentada é através da complementação do seu destino biológico. O sujeito deve experienciar ao máximo sua masculinidade ou feminilidade e formar novas uniões sexuais com o sexo oposto. É a partir dessas uniões que o sujeito aproxima-se da recuperação de sua totalidade. Florentino ama uma única mulher, Fermina Daza, mas enquanto não concretiza esse amor, ama várias outras mulheres. Florentino procura incansavelmente pelo sexo oposto em um sentido de compleição de si mesmo: “A vida de Florentino Ariza havia mudado. O amor correspondido lhe dava uma segurança e força que

---

<sup>5</sup> SILVERMAN, Kaja. *The subject of semiotics*. New York: Oxford University Press, 1983. p. 153.

jamais conheceria.”<sup>6</sup> Por outro lado, Fermina Daza, seguindo os “moldes” da mulher burguesa, casa-se com um médico que dizimou o cólera em sua cidade. Ambos personagens seriam sujeitos do modelo lacaniano devido a esses laços com o sexo oposto.

Além disso, de acordo com Lacan em Hall<sup>7</sup>, a imagem do eu inteiro é formada em relação com os outros. A formação e elaboração da imagem desse eu inteiro é algo que acontece gradualmente e com grande dificuldade, não é algo que acontece naturalmente no interior do núcleo do ser infantil, mas nas relações com os outros, principalmente com as negociações psíquicas inconscientes feitas na primeira infância entre a criança e as fantasias que possui das figuras materna e paterna. No que Lacan chama de “fase do espelho”, a criança que ainda não está coordenada e que não tem qualquer auto-imagem pessoal inteiramente construída, se vê ou se imagina inteiramente construída refletida em um espelho mesmo ou, figurativamente, no espelho do olhar do outro. E essa elaboração do eu a partir do “olhar” do Outro inicia a relação da criança com os vários sistemas simbólicos exteriores a ela, e isso significa a sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica como, por exemplo, a língua, a cultura e a diferença sexual. Os variados sentimentos contraditórios que acompanham essa entrada são os aspectos-chave para a “formação inconsciente do sujeito” e o deixam dividido e permanecem para o resto da vida. Apesar do sujeito ser partido, ele vivencia sua identidade como se ela fosse unificada, devido ao fato dele ter formado um eu unificado na fase do espelho. Daí, com esse tipo de pensamento psicanalítico, é que se origina a concepção contraditória de identidade.

Dessa maneira, a identidade do indivíduo é formada ao longo do tempo através de processos inconscientes. A identidade unificada é algo que pertence a uma fantasia, um

---

<sup>6</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *El amor en los tiempos del cólera*. Barcelona: Plaza & Janes, 1998. p.111: “La vida de Florentino Ariza había cambiado. El amor correspondido le había dado una seguridad y una fuerza que no había conocido nunca.” (Tradução própria)

<sup>7</sup> HALL, op. cit. pp. 37-40.

imaginário. Ela é incompleta e está sempre em processo de formação. Por exemplo, as partes femininas do “eu masculino” ou as masculinas do “eu feminino” que são negadas permanecem com o indivíduo e encontram expressões inconscientes na vida adulta de várias formas. A identidade emerge de uma falta de inteireza, e não da sensação de plenitude de nossas fantasias constituídas na fase do espelho. E é essa falta que proporciona a nossa eterna busca pela identidade. Florentino Ariza busca a sua identidade masculina e sua inteireza em suas várias relações amorosas com diversas mulheres e, principalmente, com sua relação imaginada e idealizada com Fermina Daza. E esta, por sua vez, busca sua identidade feminina “burlando” as regras impostas para o comportamento feminino pela sociedade do final do século XIX e início do XX, e unindo-se maritalmente com o famoso médico que dizimou o cólera em sua cidade. Ambos personagens, nessa busca de plenitude de si mesmo, formaram uniões sexuais. Assim, a constituição do sujeito em *El amor* teria como primeira análise o modelo lacaniano, que seria um sujeito fragmentado e deslocado.

O protagonista também não se encaixa na sociedade colombiana caribenha. Ele é de origem pouco abastada, mas, por herdar a Companhia de Navegação Fluvial de seu tio, muda sua condição financeira. Entretanto, Florentino não habita a região de sua nova classe econômica e tão pouco participa de sua vida social, vive na periferia, mas também sem pertencer a esse mundo completamente, pois é tido como estranho aí. Fermina Daza, de uma maneira mais velada, também desloca-se socialmente, pois vivia na periferia, mas casa-se com um burguês, Doutor Juvenal Urbino, e muda-se para a região nobre da cidade. Apesar de morar e viver como uma autêntica burguesa, Fermina subverte os costumes de sua classe, pois, por exemplo, fuma escondida no banheiro; rejeita aprender a tocar piano, instrumento símbolo da mulher burguesa bem-educada; e por ter um comportamento peculiar, não se encaixa, assim como Florentino, em

qualquer um dos meios sociais. Florentino Ariza e Fermina Daza são, portanto, socialmente deslocados para uma nova direção, que não é burguesa nem não-burguesa. Ambos reinventam a periferia, de onde se originam.

Além disso, a constituição da cidade na obra é o local onde o sujeito é elaborado. A tradicional divisão de uma cidade é, rudemente falando, parte rica e parte pobre; burgueses e não burgueses. Os personagens rompem com essa divisão rico / pobre, como uma metáfora ao rompimento com o tradicional binarismo centro / periferia. Nesse ir e vir, eles reinventam, descentram a periferia como forma de busca de uma nova identidade. Esse ir e vir poderia, também, estar relacionado com o sujeito migrante de Cornejo Polar<sup>8</sup>. Tal crítico interessa-se, principalmente, pela migração do sujeito do campo à urbe. Contudo, ele abre a perspectiva da migração para a própria leitura da heterogeneidade da literatura latino-americana:

Tenho para mim que, a partir de tal sujeito [migrante] , e de seus discursos e modo de representação, poder-se-ia produzir uma categoria que permitisse ler vastos e importantes segmentos da literatura latino-americana – entendida no mais amplo sentido – especialmente os que se definem por sua radical heterogeneidade.<sup>9</sup>

O sujeito migrante não é um “subalterno irremediável”<sup>10</sup>, nostálgico de seu local de origem, mas está, em relação ao seu novo espaço de experiência, segundo o mesmo autor, exposto a “fenômenos sincréticos”<sup>11</sup> – hibridismo cultural -, além de poder fixar limites claros entre ambos os mundos. Ele é um sujeito fragmentado e deslocado. Portanto, tal concepção pode ser estendida para a leitura de determinados segmentos da literatura latino-americana porque denota um nova experiência, heterogênea, híbrida.

No caso de *El amor*, tanto Florentino Ariza quanto Fermina Daza encaixariam nessa concepção de sujeito migrante. A migração dos dois personagens não é do campo à cidade, mas

---

<sup>8</sup> CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Org. Mário J. Valdés. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

<sup>9</sup> Idem, p. 301.

<sup>10</sup> Idem, p.303.

<sup>11</sup> Idem, p. 304.

de um meio social a outro. Florentino seria um exposto e uma demonstração de indivíduo que vivencia esses fenômenos sincréticos em seu deslocamento de um meio social burguês para um não burguês. Por outro lado, Fermina Daza, assim como Florentino, não se encaixa nem no “mundo dos ricos”, nem no dos “pobres”; o seu comportamento não é o de uma mulher tipicamente burguesa e nem de uma não burguesa, é uma outra coisa. Ambos personagens são deslocados e descentrados de sua origem periférica. Nesse sentido, poderia-se dizer que suas dinâmicas funcionariam como uma espécie de alegoria da noção de subalternidade da América Latina.

Contudo, poderíamos perceber uma problemática nessa noção de ir e vir, e, conseqüentemente, na constituição do sujeito, já que há uma paralisação aí:

— E até quando você pensa que podemos seguir nesse ir e vir? Perguntou-lhe.  
Florentino Ariza tinha a resposta preparada há cinquenta e três anos, sete meses e onze dias com suas noites.  
— Toda a vida – disse.<sup>12</sup>

O sujeito na obra referida seria elaborado em uma condição de fragmentação e deslocamento, mas simplesmente isso. A sua condição de subalterno será sempre de subalterno, apesar de sua tentativa de deslocamento e reinvenção. O sujeito latino-americano em *El amor* seria híbrido, fixaria limites entre os momentos de seu itinerário de migração, mas não romperia com isso. O ir e vir incessante de toda a vida é a sua condição de identidade. E tal fato, apesar de demonstrar uma tentativa de deslocamento, reinvenção, enfim, transformação de identidade – que é o que premeia a questão da identidade contemporânea -, acabaria fixando o sujeito em uma nova condição, a de deslocamento. A fluidez e flutuação desse sujeito, as quais o permitem ser

---

<sup>12</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, op. cit., p.493:

“—¿Y hasta cuándo cree usted que podemos seguir en este ir y venir del carajo? – le preguntó.  
Florentino Ariza tenía la respuesta preparada desde hacía cincuenta y tres años, siete meses y once días con sus noches.  
— Toda la vida – dijo.” (Tradução própria)

descentralizado, acabam levando-o a uma situação dialética: o sujeito latino-americano estaria preso a uma descentralização centralizada e fixada no ir e vir, na subalternidade.

A obra de García Márquez, como visto acima, passa no fim do século XIX para o início do século XX. Desse modo, trata-se de uma obra pós-moderna – 1985 - que se desloca no tempo, indicando, portanto, uma busca de identidade. O deslocamento para o passado implica em uma busca e construção de uma identidade nacional, além de como o sujeito é colocado na cultura. De acordo com Hall<sup>13</sup>, a narrativa da cultura poderia ser contada de cinco formas. Primeiramente, a narrativa da nação “como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular”<sup>14</sup>; em seguida, através da ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade; em terceiro lugar, pela invenção da tradição, ou seja, um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica que determinam certos valores e comportamentos através da repetição, o que gera uma continuidade com um passado “aparentemente adequado”; depois, pelo mito fundacional; e, por fim, a identidade nacional é muitas vezes, também, simbolicamente baseada na idéia de um povo puro e original. Assim, na obra de García Márquez vemos costumes do povo colombiano sendo contados e inseridos a todo instante no livro, como fatos do cotidiano, por exemplo, a sesta após o almoço e a rainha da beleza, que participa de todos os eventos sociais importantes da cidade. Fatos esses prosaicos, mas fundamentais para a construção da identidade de um povo. A voz do povo colombiano caribenho está aí.

Além desse deslocamento temporal, há o social, como verificado, nos protagonistas da referida obra. Assim como a tradição da América Latina, remetendo-se a Borges<sup>15</sup>, deveria ser inventada, deslocada da tradição ocidental, constituída na periferia; analogamente, a constituição

---

<sup>13</sup> HALL, op. cit. pp. 52-57.

<sup>14</sup> Idem, p.52.

<sup>15</sup> BORGES, Jorge Luis. *Prosa completa*. v. I. Madrid: Bruguera. pp. 215-223.

do sujeito inserido em seu contexto também deveria sê-la. Portanto, além de se revelar no modelo lacaniano, o sujeito latino-americano é também constituído em seu deslocamento social, por fazer parte de um espaço de subalternidade. García Márquez busca um passado não muito distante, um fato que realmente aconteceu na cidade de Catargena de las Indias, o fim do cólera, além do popular para construir sua narrativa, e, assim, mostrar a “cor local”. Entretanto, mesmo os protagonistas de *El amor* serem elementos da periferia urbana, eles deslocam tal lugar. Na realidade, eles não teriam um lugar específico, estariam no ir e vir, no espaço híbrido, deslocados. O sujeito latino-americano em *El amor* seria o sujeito fragmentado e reiventor de sua condição de periférico, o outro de si mesmo.

Finalmente, a concepção do sujeito moderno sofreu mudanças à medida que a sociedade e as relações sociais foram tornando-se cada vez mais complexas. De sujeito soberano, único e singular, passou a sujeito interativo, inserido em um contexto social, que foi desconstruído à medida que os discursos modernos o foram, tornando-se um sujeito fragmentado, deslocado e ausente de uma identidade fixa. Dentro dessa concepção de deslocamento do sujeito e de sua identidade, e pela tentativa de análise e leitura da obra *El amor en los tiempos del cólera*, de Gabriel García Márquez, estaria a constituição do sujeito latino-americano. O sujeito latino-americano da modernidade tardia seria fragmentado, pois encaixaria-se no modelo lacaniano, seria migrante no seu ir e vir social e reiventor de sua condição de periférico. Enfim, o discurso do sujeito latino-americano fixa na incessante e inevitável transformação.

### **Referências bibliográficas:**

BORGES, Jorge Luis. *Prosa completa*. v. I. Madrid: Bruguera, 1980.

CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Org. Mário J. Valdés. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 200.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Para una teoría de la literatura hispanoamericana*. Santafé de Bogotá: publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, 1995.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *El amor en los tiempos del cólera*. Barcelona: Plaza & Janes, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LACLAU, Ernesto. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires: Ariel, 1996.

MOREIRAS, Alberto. Ficções teóricas e conceitos fatais: o neolibidinal na cultura e no Estado. In: MIRANDA, Wander M. (Org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVERMAN, Kaja. *The subject of semiotics*. New York: Oxford University Press, 1983.